

A ILUSTRAÇÃO

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUI VOLTAINS

*Dirigir todos os ped. das de assignaturas e outras
envios em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
de Alameda, Lisboa; e no Brazil, ao sr. José de
Mello, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.
Preço de número a Paris, 1 franc.*

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 10

PARIS, 20 DE MAIO DE 1890

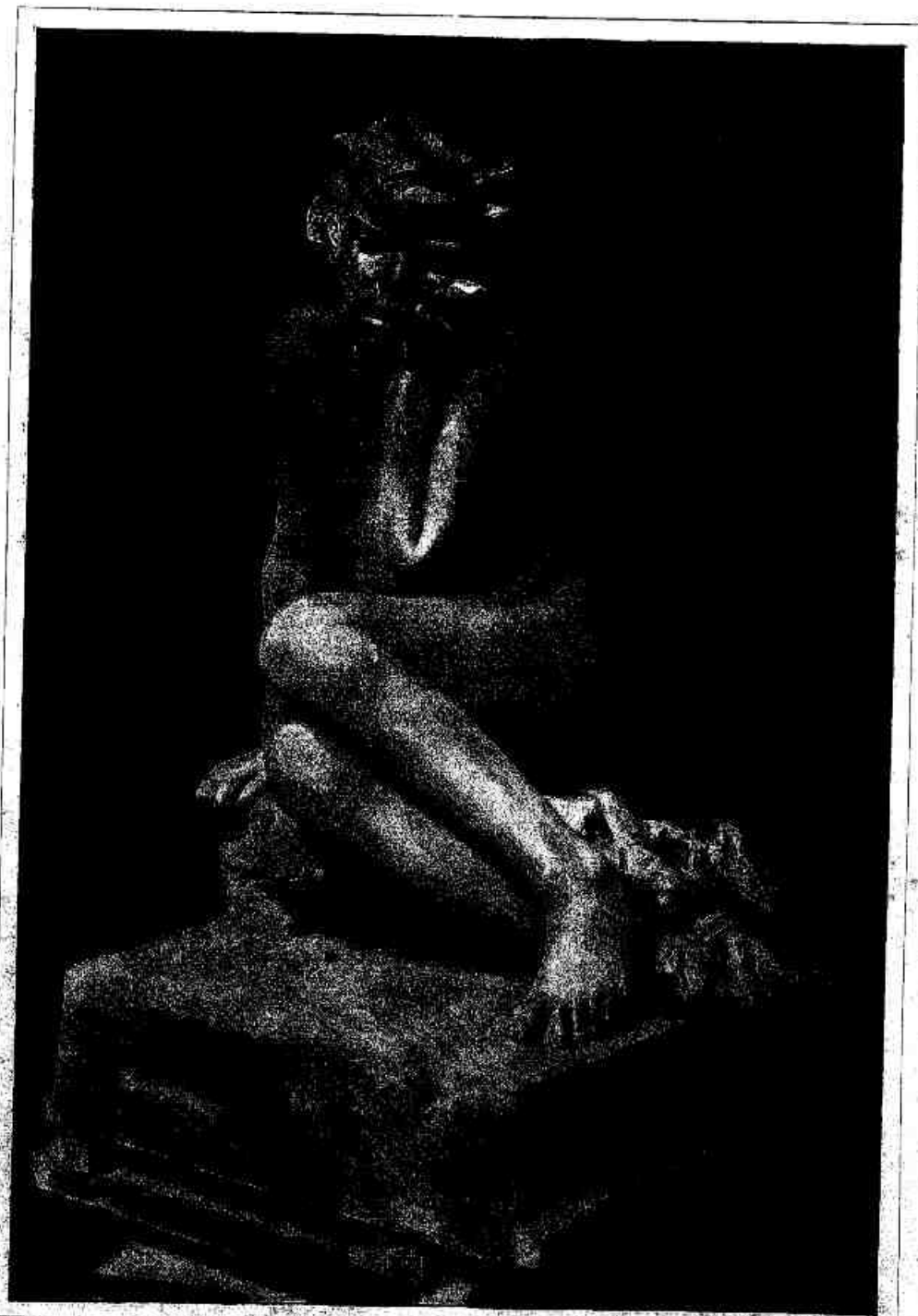
Corrente em Portugal e Brazil: DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO.....	3.000 REIS
SEBESTER.....	1.200 —
TRIMESTRE.....	500 —
AVULSO.....	100 —



OS PORTUGUEZES NO « SALON » DE PARIS. — CAIM

ESTATUA DE TRINHEIRA LOPES.

VARIAÇÕES SOBRE ARTE

COMEÇAMOS então a ter artistas!... Levam seu tempo, levam mesmo muito tempo, muitos annos, muita tinta que corra pelas gazetas, muita descompostura nos governos, muita acção na Academia, muitas promessas de gloria aos jovens, muitos applausos, muitos elogios impressos, algumas telas compradas por particulares, varios *discursos* de que Alberto d'Oliveira em o *Duas ex-maritima*, — e assim se formou o batalhão dos artistas portuguezes!

Ha dez annos seria difficil contar ate: reis, Heje a meia dadia é transpassa com gloria para a nossa terra. Vão contando: — Alberto Nunes, Silva Porto, Columbano, D. Maria Augusta, Raphael Bordallo, Souza-Pinto, Ramalho, Malhoa, Vaz, Gremeo, Villaga, Condeixa, Teixeira Lopes, Thomaz Costa, Salgado, Reis, Rato, Mello, Brito, Rodrigo Soares, Marques d'Oliveira, Benard, Manuel Gustavo, Teófilo, etc.

N'esta lista é excessivo incluir o nome d'uma illustre senhora que é uma escultora distinctissima, porque o seu nome está sempre presente á memoria de nós todos, de cada vez que se falla em Arte portugueza. Refiro-me á illustre auctora da *Sinuhé* e da *Santa Theresia*. Refiro-me — á senhora Duquesa de Palmella.

Tambem seria ingratidão esquecer um nome illustre que firma uma deliciosa paisagem que todos os dias temo diante dos meus olhos, por cima da minha banca de trabalho. Alludo a Arthur Loureiro, o grande paisagista portuguez, que emigrou para a Australia, no dia em que pensou que em Portugal não havia bastantes compadres para fazer viver todos os artistas que vão surgindo no nosso paiz.

Arthur Loureiro foi talvez precipitadamente pessimista. A situação do artista portuguez melhora consideravelmente de anno para anno, assim como a situação do homem de letras.

O nosso paiz acorda — lentamente, é verdade — mas acorda para as coisas da Arte e da Literatura. E como artistas e litteratos se emanciparam da velha tradiçao da *bohemia*, transformando-se em homens *praticos*, dando a gloria, sem por isso desdenharem o bem estar — succede que hoje em Portugal já um homem pode viver pelo pincel ou pela pena, sem grandes terrores, sem a necessidade de *amannear*, sem precisar accumular *pintura* e *amanuensis*, como succedia ainda ha bem pouco tempo...

Parece-me que posso ser perito d'esta materia, e fallar de mim como exemplo, e não como validade.

Uma ainda me lembro do terror que se apoderou de toda a minha familia, no dia em que lhe antecipei que tomava por officio o *jornalismo*. Nem sei como não houve conselho de familia, e me não metteram na casa da correccão!

— «Que desgraça! diziam os parentes em coro. É um rapaz perdido! Podia formar-se, ou assentar praça, ou tomar ordens, ou ir a um concurso para amannear-se... Não senhor! Quer andar a morrer de fome pelas gazetas!»

A observação naquella epoca (1873) era justa. Quando se ganhava pouco mais por mez n'uma redacção já era preciso ter dadas provas... Não é como hoje, que o mais insignificante *reporter* lisboense já pede por mez entre 40 e 50.000 reis!

Efectivamente, que é muito mais tranquillo ter o ordenadinho garantido pelo Estado; que não é agradavel passar horas e horas a *quintar* as pestanas, para poder ter cento e oitocentos no dia seguinte. Mas tambem n'aquelle *dolce far niente* do amannear não ha muitos amigos de bocca; em quanto que na luta pelo estomago, do artista independente, ha muita alegria e muita liberdade.

É a historia da fabula do cão de quinta e do cão d'estrada. Aquelle, gordo e luzido; este, magro e lazeiroso. Aquelle contanto-lhe a vida feliz e regulada; este as misérias e as fomes. Aquelle convidando-o a fazer-se cão de quinta; este, meio temendo com a gordura do seu semelhante, perguntando-lhe que signal é o que elle tem em volta do pescoço.

— «Nada, amigo! — o signal da colleira com que muitas vezes me prendem!»

E o cão d'estrada mandou o amigo á fava...

e ainda corre a estas horas, em plena Liberdade!

★

Voltemos aos nossos artistas.

Ha muito que elles se não affirmam d'um modo tão superior e tão notavel, como este anno, no *Salon* de Paris.

O nosso illustre Columbano — natureza artistica ainda incomprehendida e em desacordo com o meio lisboeta, artista que nasceu para viver entre artistas hespanhcos ou artistas holandezes — o nosso illustre Columbano expõe dois retratos: do poeta Antonio do Quental, e do actor João Rosa. Quando lhes disser que a cubaça de Anthero tem o que quer que seja da vida intraduzivel das cabeças de Van Dyck, e que o retrato de João Rosa me lembra certos retratos do Prato, assignados por Velasquez — creio que lhes tenho dito o que sinceramente senti, quando no *Salon* deparei com essas duas telas de Columbano.

Teófilo Lopes surprehe-nos com o seu deslumbrante marmore — *Caím* — e com o seu grupo em gesso — *Viava*. É um grande artista, que vai occupar um dos primeiros lugares na Arte portugueza deste seculo, um lugar sem davia equal ao que occupa o nome de Soares dos Reis. Um portuguez, sceptico illustre, grãde apaixonado e grãde entendido em coisas d'Arte, para o qual os museus da Europa e da America não tem segredos, um dos raros portuguezes cujo espirito e cuja critica me é sempre grato ouvir, admirar e applaudir, exclamo, depois de ter visto o *Caím* e a *Viava*: — «Ora ainda bem que temos um Escultor!»

Tambem Thomaz Costa, outro distincto escultor, expõe um bello bronze, um rapaz atirando a funda, e uma primorosa cubaça em cirepende, do dr. Mello Vianna — um companheiro dos tempos do *Mantillo*, com Fialho, Marcelino Mesquita, Fortunato da Fonseca, e outros. O dr. Mello Vianna terminou o seu curso de medicina em Lisboa, e veio para Paris estudar doenças d'olhos. Hoje é chefe de clinica ophthalmologica no consultorio do afamado dr. Wacker. Não é preciso por mais na conta!

Voltando aos pintores, encontramos no *Salon* dois quadros de Salgado, duas scenas da Bretanha, tratados com um vigor e uma franqueza que logo me lembraram as telas de Silva Porto.

Devo prevenir caridosamente os 1:500 Zacharias d'Aga que Lisboa hoje possui, que estas comparações faço-as, não para fazer critica, mas para tornar mais comprehensivel a chronica do publico que me lê, e que por enquanto está pouco iniciado ás coisas d'Arte. Eu tenho este defeito — gostar que todos me entendam, e nunca escrever uma linha, nem para privilegiados, nem para mandantes da critica. E' talvez por isso que os mandantes da minha terra me detestam. Pac encia!...

Continuemos:

Quando Salgado tiver completado a sua educação em França, e tiver feito uma viagem de estudo pelos museus da Belgica, da Hollanda, da Alemanha e da Italia, e se for estabelecer em Portugal — entao o nosso campo, a nossa *parage*, terá mais um bello namorado, mais um bello poeta. Ha de ser o nosso Julien Dupré.

Souza-Pinto de novo nos maravilha com os prodigios de habilidade do seu pincel, com a delicia do seu colorido e os primores do seu desenho.

Tem todos os elementos para ser um grande artista, em toda a accepção da palavra. Faltalhe apenas um, de que elle se esquece muitas vezes, todas as vezes que pensa em nos deslambra a vista, sem se importar em nos deslambra ao mesmo tempo o espirito. Esse unico elemento que lhe falta, chama-se — a Alma.

Um bocadinho d'Alma nos seus quadros — e todos seriam verdadeiras obras-primas.

É por estes e outros que Cabanel passa — e que Miller fica... para sempre!

Ainda mais dois pintores, ambos expõem retratos — o sr. Mello que expõe o retrato do seu c. nigo Pavia e Maia; e o sr. Brito que expõe o retrato d'uma senhora. Ambos promettendo de talento, ambos revelando qualidades importantes de estudo e de progresso.

E aqui temo o pequeno Portugal — paiz onde o conselheiro é um Deus, e o artista um

esquecido da Sociedade e do Estado — aqui temo como Portugal, em 1890, se apresenta no *Salon* de Paris. Columbano destacando-se ao lado dos primeiros pintores de retratos; Teófilo Lopes destacando-se ao lado de escultores como Falguiere e Chapu.

Agora, pergunto eu:

É decente, é justo, é patriótico, que o Estado, perante revelações incontestaveis d'esta ordem, continue de braços cruzados, confiando os destinos d'uma arte nacional a essa coisa pingoua, rabugenta e intrevada, que se chama a — Academia de Bellas-Artes de Lisboa?

Ai advinho a resposta. Ella é:

— «Tanto o Estado está decidido a olhar seriamente pelas Bellas-Artes, que o actual gabinete criou por decreto d'atual de 9 de abril de 1870, um ministerio de Instrução publica e Bellas-Artes, cuja pasta foi confiada ao sr. João Arroyo.»

Ora aqui é que está o perigo! O sr. Arroyo foi por um acaso, por uma contradição ou descuido, o ministro da politica, para a um novo ministerio no qual nunca havia pensado...

O sr. Arroyo não percebe absolutamente nada de Bellas-Artes — o que não é vergonha, nem crime, nem signal de falta de talento ou estudo. Mas o facto é que não percebe!

Para fazer qualquer reforma, ha de chamar para o seu lado os magnates da direcção geral d'Instrução publica, e da Academia de Lisboa. É o bastante para as coisas ficarem peior do que já estão!

Se o novo ministro, para *gustar grand*, como dizem os *jeanets* do seu paiz, se lembra de chamar para o seu conselho gente de fora — tambem já sabemos o que nos espera...

Assim como tomamos os sr. Luiz Palmeirim, Alberto Pinheiro, Zacharias d'Aga, feitos *censores dramaticos* por obra e graça do sr. Arroyo, assim teremos por obra e graça do mesmo sr. Arroyo, — os sr. Antonio Thomaz da Fonseca, José Ferreira Chaves e Zacharias d'Aga, *reformatores* e *reorganisadores* das Bellas-Artes em Portugal.

É o que se chama, passar de mal para peor. É o que o povo chama — passar de cavallo para burro!

Pelo amor de Deus, sr. Arroyo, não toque por enquanto nas Bellas-Artes!

Não toque por enquanto nas Bellas-Artes, enquanto os nossos artistas se não decidirem a estudar maduramente a guesão — situação do artista em Portugal; necessidade de intervenção do Estado, para reunir todos os esforços que andam ao desamparo; necessidade do Estado auxiliar as exposições annuaes em Lisboa; necessidade d'uma verba no orçamento para a compra de obras d'arte; necessidade d'uma reforma dos programmaes e do methodo d'ensino; necessidade de separar o actual museu em dois — arte ornamental, e arte propriamente dita; — etc., etc., e ainda mais etc...

Pelo amor de Deus, sr. Arroyo, não toque por enquanto nas Bellas-Artes — alias temos dispanse!

Não direi por parte do sr. ministro, Mas fatalmente por parte dos apologistas do *statu quo*, que não de ter voto na materia, porque são elles que reinam no ministerio.

★

Agora é a vós que eu me dirijo, artistas meus amigos!

Ha dez annos que vivemos juntos, ha dez annos que em Paris e em Lisboa temos discutido os vossos interesses e nimonado as mesmas illusões. Ha dez annos que eu venho para a imprensa, defender as vossas obras e os vossos interesses, de cada vez que é preciso faze-lo com energia. Tenho por esse facto recebido muitos insultos e creado bastantes inimigos. Não faço caso dos primeiros, e rio-me sereneamente dos ultimos.

Ora é em nome d'esta velha camaradagem, e para bem de vós todos, que hoje vos digo:

— «Reuni-vos todos, quanto antes, para discutir os vossos interesses, e para ver até que ponto o Estado deve intervir na organisação e futuro da vossa classe. Comparar a vossa situação, com a situação dos artistas em França; o nosso ensino academico, com o ensino academico francez. E fazei quanto antes uma petição ao novo ministro!»

Se não fazem isto quanto antes, se não se im

põem, se não lutam, deixam que um animal daminha — o burocrata — se introduza na organização das Bellas-artes em Portugal, e os meus amigos estão perdidos...

Porque o burocrata é como o philloxera — apenas entra na vinha, dá cabo d'ella!

MARIANO PINA.

EMPRESTIMO DOM MIGUEL

No proximo numero da *ILUSTRAÇÃO* publicaremos um curiosissimo documento relativo ao **EMPRESTIMO D. MIGUEL**, e que ha de ser visto com grande interesse pelo publico portuguez.

O ESPECTRO

APPARECEU effectivamente á venda no dia 3 de maio corrente, em todas as livrarias e kiosques de Lisboa, Porto e Coimbra, o 1.º numero do pamphletto hebdomadario — *O Espectro* — « castigo semanal da politica » — de que é redactor o nosso director Mariano Pina.

Este 1.º numero foi recebido com verdadeira sympathia pela imprensa da opposição, sendo algumas paginas transcriptas com muito elogio pelo *Diario Popular*, de que é director o sr. conselheiro Mariano de Carvalho, pelo *Seculo* do nosso collega Magalhães Lima, e pelos *Pontos nos ii* do nosso querido amigo R. Bordallo Pinheiro.

Mas o que é ainda mais symptomatico do successo que tem tido o *Espectro*, é a quantidade de bilhetes de visita e de cartas de parabens! que Mariano Pina recebe todos os dias em Paris, de dezenas de leitores que elle não tem a honra de conhecer pessoalmente — e que o felicitam pelo seu grito de guerra contra os dictadores, e contra a pessima politica que se está seguindo em Portugal.

O 1.º numero do *Espectro* era uma simples apresentação e declaração de guerra...

O 2.º numero que appareceu no sabbado 10 de maio, era todo dedicado ao novo augmento dos impostos, a uma analyse do *discurso da corôa* e das prerogativas reais, e á organização da nova censura dramatica.

O 3.º numero que appareceu no sabbado 17 de maio explicava as causas do desastre do emprestimo de Paris, as responsabilidades que incumbiam ao sr. Hintze Ribeiro, os actos diplomaticos d'este ministro, etc.

O *Espectro* está destinado a um largo futuro, porque sae absolutamente para fóra de todos os processos indigenas de combate politico, tendo as maiores audacias de critica, sem nunca empregar expressões que pudessem destoar na boa sociedade, e sem nunca empregar torções de estylo e de phrase que o tornassem confuso para os povos. E esta a sua grande força.

Nós recommendamos vivamente a todos os leitores da *ILUSTRAÇÃO* que não só leiam o *Espectro*, mas que recommendem a sua leitura a todos seus amigos, porque no *Espectro* encontram a pintura exacta da nossa vida politica.

O *Espectro* sae todos os sabbados. Cada numero custa 50 reis. Assinatura por mez 200 reis — por trimestre 600 reis.

São depositarios em Portugal:

No Porto — *Livraria Civilisacão*, rua de Santo Ildefonso, n.º 12.

Em Lisboa — Filial da mesma Livraria, travessa de Santa Justa, 65, 2.º

A venda em todas as livrarias e kiosques de Lisboa, Porto e Coimbra.

Manda-se um numero « gratis » a todo o leitor da *ILUSTRAÇÃO* que o peça pelo correio a *LIVRARIA CIVILISACÃO*, rua de Santo Ildefonso, 12, Porto.



AS NOSSAS GRAVURAS

O SALON DE PARIS DE 1880. — Quizamos no presente numero dar uma maior extensão ás gravuras reproduzindo algumas das telas e esculpturas mais notaveis do actual *Salon* de Paris, onde Portugal figura tão brillantemente, graças ao talento dos moços artistas que honram em França o nome portuguez.

Mas succede que este nosso numero do *Salon* coincide exactamente com as gravuras das manifestações socialistas do dia 1.º de maio, e eis-nos obrigados não só a ceder o lugar das gravuras aos *crisques* dos tumultos, mas até a deixarmos invadir o nosso texto por esses *crisques*. A isso nos força o socialismo que no dia 1.º de maio pôz em alvoroço toda a Europa — até o nosso pacifico Portugal — obrigando os governos a pegarem em armas para evitar alguma surpreza.

No *Salon* d'este anno vemos ligar notavelmente Columbano — o nosso illustre Columbano — com os retratos do poeta Anthero do Quental e do actor João Rosa.

Souza Pinto com dois encantadores quadrinhos de genero, e um *pastel*, estudo ao ar livre — sem duvida o trabalho mais vigoroso do seu *salon*.

Salgado, que nós veremos em breve, tão forte e tão original como Silva Porto, com dois quadros de campo.

Mello e Brito, cada um d'elles com dois conscienciosos retratos.

Na secção da esculptura — Teixeira Lopes apresenta-nos *Caim*, um maravilhoso marmore da mesma esculptura em gesso exposta no *Salon* do anno pasado; e um grupo em gesso *Vinho*, admiravel de vigor e de sentimento.

E Thomas Costa expõe um bello bronze — um rapaz jogando á pedra — e uma magnifica cabeça do nosso querido amigo e notavel especialista de doencas d'olhos o dr. Mello Vianna.

Eis aqui — se a memoria nos não falha — enumeradas todas as obras dos artistas portuguezes no *Salon* de Paris de 1880. E nós que temos visto e estudado successivamente nove exposições annuaes de bellas-artes, nove *Salons* de Paris, podemos affirmar que nunca vimos Portugal occupar um lugar tão brillante e tão notavel como occupa este anno, que nunca vimos os artistas portuguezes em tão grande numero e em tamanha superioridade sobre os artistas do todo o mundo que expõe todos os annos no Palacio d'Industria.

Oxalá que este exorço dos jovens artistas nacionaes seja comprehendido do actual ministro d'Instrucção publico e bellas-artes; oxalá que o actual ministro procure estudar e resolver as questões d'arte, chamando para o seu lado, para uma reforma radical do nosso ensino artistico, quem realmente intenda do assumpto.

Infelizmente pedimos licença para duvidar... enquanto este ministerio se conservar no poder!

Quando olhamos para o modo como foi organizada a *censura dramatica* e como foram escolhidos os *censores* — é mais que certo que o sr. Arroyo tambem hade confiar ao sr. Zacharias d'Aqua um plano de reformas nas nossas Academias de Lisboa e Porto...

Artistas portuguezes! Não vos deixeis ludibriar!... Quando se possui o vosso talento, seria realmente um desastre não vos unir-vos para resistir com tenacidade ás phantasias burocraticas d'um sr. ministro que tanto percebe de Bellas-Artes, como do ministerio de marinha e colonias... donde os seus collegas o mandaram passear!

Attenção, artistas! Está chegado o momento de reagir — allas sereis empaludados o sacrificados mais uma vez!

Na primeira pagina do presente numero apresentamos uma reprodução em photographia do *Caim* de Teixeira Lopes. É feita sobre a photographia

tirada do gesso, pois ainda não ha photographia do marmore.

Por ahí verão os leitores que extraordinarias qualidades do artista — de artista de genio — possui o mimico esculptor portuguez. E o caso de dizer que surge Alguem para a arte portugueza. A *pose*, a attitudão indifferente, a physiognomia fria e o olhar implacavel de *Caim*, onde se revela o assassino — tudo n'esta figura é expellido e comprehendido d'um modo superior.

Acompanhamos o *Caim* com um retrato de Teixeira Lopes, copia d'um retrato a oleo do nosso pintor Salgado, desenho do actor, retrato que figurou no *Salon* de 1881. É uma tela trabalhada com um vigor e uma sobriedade notaveis, onde o pintor nos mostra o actor de *Caim* no seu atelier de Paris, na rua Denfert-Rochereau, que todos os artistas portuguezes que tem vindo a Paris conhecem tão bem como nós.

Em desenho de Salgado, feito expressamente para a *ILUSTRAÇÃO*, tambem revela um fino desenhador, conhecendo todos os segredos e todas as figuras de que uma pena é capaz, quando manejada por um artista de merito.

Felicitando Teixeira Lopes e Salgado pelas gravuras que hoje nos proporcionam e que tanto honram a arte nacional — esperamos que os nossos collegas da imprensa portugueza uma vez ao menos nos façam justiça, em concordando em que a *ILUSTRAÇÃO* é a revista illustrada portugueza onde o publico tem encontrado as mais escripturulosas reproduções das obras d'arte nacional.

Francamente, já começa a fazer-nos cocegas a onda de elogios a todas as publicações illustradas que mais ou menos seguem a osteira da *ILUSTRAÇÃO*, sem nunca conseguirem exceder-a ou igualar-a em impressão, papel, gravuras e modicidade de preço: — enquanto que para o nosso jornal, que ha sete annos lucra conjuntamente pela vida, pela Arte e pela Litteratura... nem uma palavra!

Uma ideia, porém, nos consola. É que as outras publicações ainda nos não excederam; todas vezes tam e algumas morrem!

E a *ILUSTRAÇÃO* — louvado Deus e a má lingua — cá vai seguindo o seu caminho, sempre com o favor do publico.

Talvez por que pensamos mais em fazer um bom jornal — do que em solicitar reclamações pelas redacções dos jornaes.

E é tambem por isso que desejamos *bonne chance* aos nossos estimaveis concorrentes!

Uma outra pagina do *Salon* d'este anno, admiravelmente interpretada pelo nosso illustre gravador Ch. Baudé, é o *Nascimento da perola*, quadro de Alberto Maignan.

Este nome não é desconhecido para os leitores da *ILUSTRAÇÃO*, que já o têm visto na nossa revista firmando quadros muito apreciaveis.

O *Nascimento da perola* não é uma tela d'uma poderosa originalidade, peccando mesmo por certos exageros de colorido. Mas como composição e desenho é d'um effecto agradabilissimo, deixando a vista encantada, já pelo assumpto, já pelas figuras que são elegantemente traçadas.

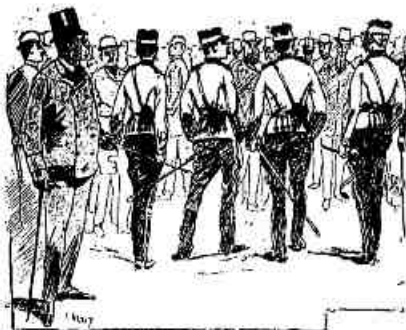
A scena passa-se no fundo do mar. O mergulhador desce, abre a ostra, e a perola symbolisada n'uma adoravel figura de mulher — nasce para o mundo!

Eis a phantasia, que nos parece ha de ser vista com prazer, especialmente pelas nossas leitoras. Ao *Nascimento da perola* tambem se pode chamar — um beijo d'amor!

O DIA 1.º DE MAIO EM PARIS. — O dia da grande manifestação socialista tomou tamanha importancia em toda a Europa, que não podemos deixar de lhe consagrar algumas paginas da nossa revista, mostrando aos leitores varios aspectos da manifestação nas ruas de Paris.

Pelos desenhos e photographias instantaneas que reproduzimos para o publico que extraordinarias precauções tomou o governo francez para impedir tumultos, e alguma surpresa audaciosa dos revolucionarios e anarchistas.

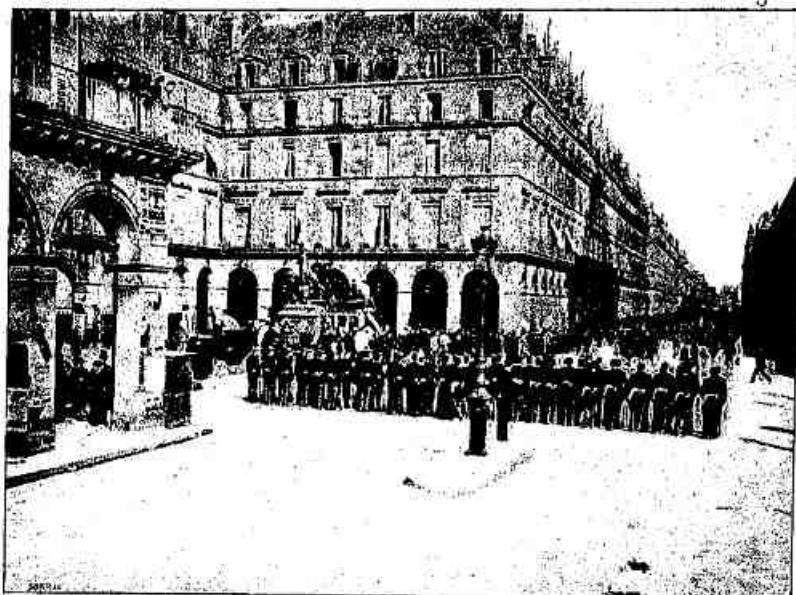
Foram chamados a Paris varios regimentos de caçadores. A manifestação devia ter lugar desde o Hotel de Ville, pela rua de Rivoli, até a praça da Concordia; e da praça da Magdalena, rua Royale, praça da Concordia até a Camara dos deputados, onde uma delegação de deputados socialistas e de operarios devia entregar um abaixo assignado ao



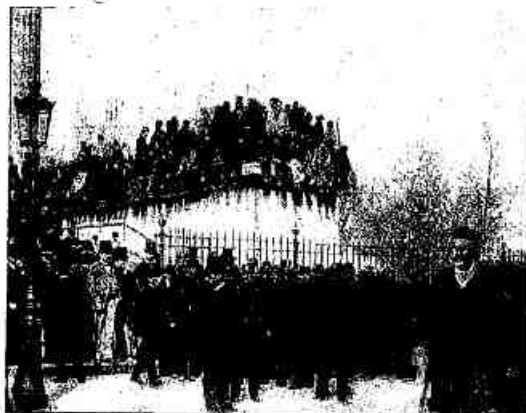
OFFICIAES DE CAÇADORES NO DIA 30 DE MAIO.



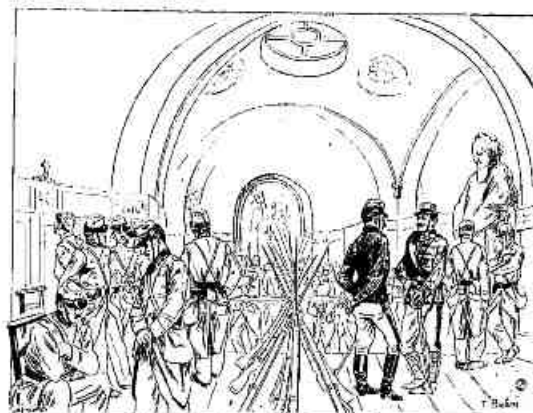
REDEBENTE À POLÍCIA NAS TUILERIAS.



A RUA DE RIVOLI NO DIA 1.º DE MAIO ÀS 2 HORAS DA TARDE.



O PERISTILO DA MAGDALENA ÀS 3 HORAS DA TARDE.

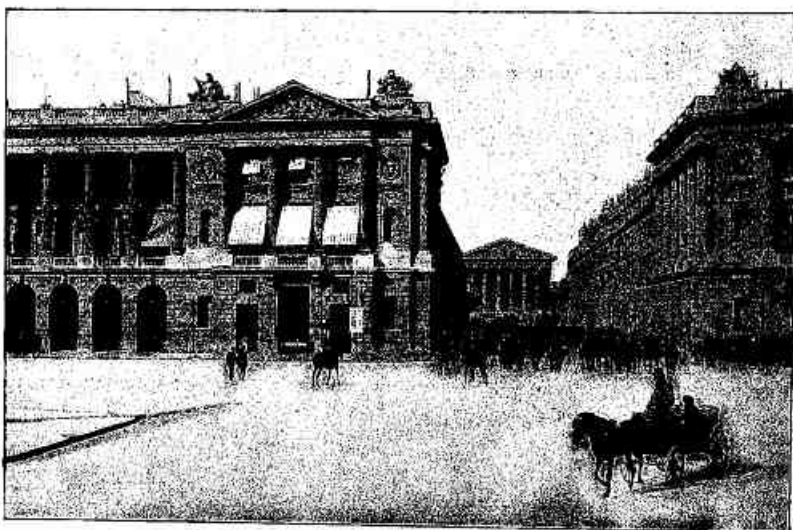


SOLDADOS DE PREVENÇÃO NA IGREJA DA MAGDALENA.



O MARQUEZ DE MORÈS.

MODELO DOS CACETES AVANÇADOS PELA POLÍCIA.



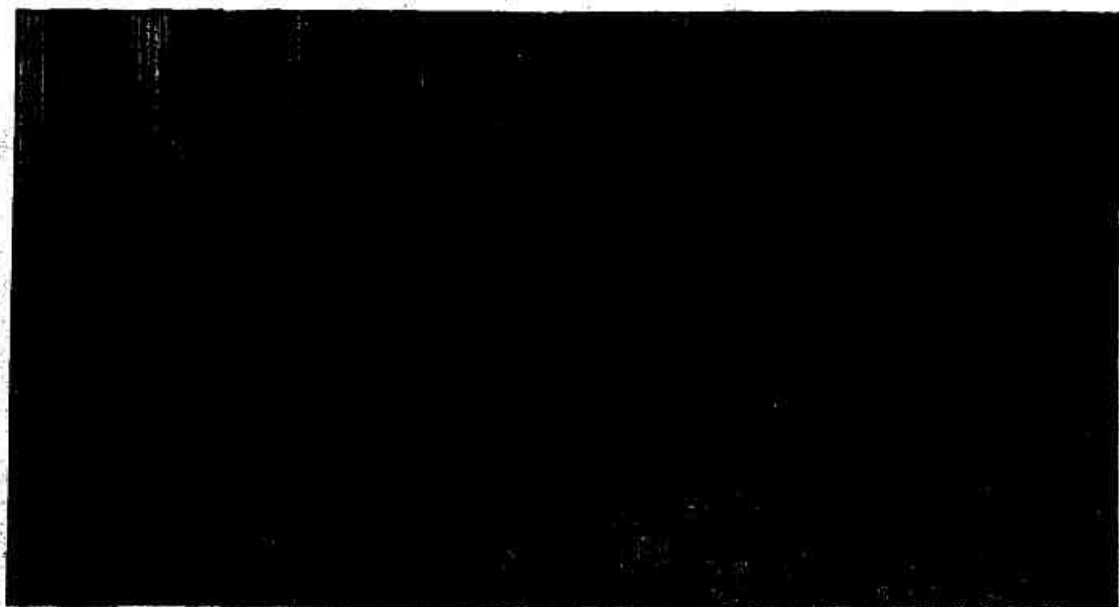
PRAÇA DA CONCORDIA E RUA ROYALE ÀS 4 HORAS DA TARDE.

O DIA 1.º DE MAIO DE 1890 EM PARIS.



O ESCULPTOR PORTUGUEZ TEIXEIRA LOPES, NO SEU ATELIER EM PARIS.

QUADRO DE SALGADO (SALON DE 89). — DESENHO DO AUCTOR.



O 1.º DE MAIO EM PARIS. — A EGREJA DA MAGDALENA NO DIA 1.º DE MAIO, À MEIA NOITE.

presidente da Câmara, pedindo-lhe para propôr ao parlamento a lei das 8 horas de trabalho.

A rua de Rivoli, o peristilo da igreja da Magdalena e a rua Royale estavam guardados pelo mulo como vêm nas nossas photographias instantaneas. E dentro da igreja da Magdalena estavam aquartelados os soldados do caçadores. Em todas as casernas de Paris as tropas estavam de prevenção.

Em Paris houve poucos tumultos, e o dia passou-se quasi tranquillamente. Operaram-se algumas prisões, e não houve um unico conflicto serio, nem com a policia, nem com a tropa. A dispersão dos grupos no boulevard da Magdalena e na rua Royale fez-se sem grande tumulto. Só na rua Castiglioni, proximo da rua de Rivoli, alguns populares quiseram resistir á intimidação da policia, e ali houve um certo panico. Mas tudo serenou momentos depois.

E á noite era interessante ver as proximidades da Magdalena. Os populares haviam desertado do local da manifestação; e só a policia velava ou dormia pela segurança da ordem publica.

Na pagina de *croquis* damos o retrato do Marquez de Murès, gentilhomem socialista, amigo intimo do duque de Luyones, e que o governo mandou prender na véspera da manifestação, por ser um dos cabeças de moria dos revolucionarios exaltados. Ha suas decidas ácerca do socialismo do Marquez de Murès, que mais parece um pregador orleanista, disfarçado em socialista.

Logo abaixo do retrato vem um desenho do modelo de cacetes (uns 2000) que a policia apprehendeu antes da manifestação, e que eram destinados á cabeça da policia e da tropa.

As precauções militares e policias tomadas pelo governo da Republica foram das mais efficazes. E foram justissimas, pois que seria absurdo deixar vir para a rua uma revolução, quando sob o regimen republicano todas as liberdades são garantidas, e os revolucionarios podem eleger representantes seus que discutam os seus interesses no parlamento.

A MODA PARISIENSE

MAIO DE 1890. — TOILETTES PARA CORRIDAS

O meu collaborador artistico, com a elegancia e fidelidade de desenho que já conhecemos, mostra-lhes hoje um delicioso grupo de parisienses assistindo a uma corrida de cavallos.

As corridas da primavera são em Paris, a parte do domingo de Paschoa, o *rendez-vous* da moda e da alta sociedade. É por isso que eu aconselho á leitora portugueza que vier a Paris durante os mezes de maio e junho, uma visita ao hippodromo da Longchamps ou de Auteuil. E ali que não de encontrar a ultima novidade em *toilettes* para passeio; assim como no inverno, as sextas-feiras na Grande Opera, encontrarão as melhores modelos de *toilettes* para *soirée*.

Os campos de corridas, assim como a sala da Opera, são um verdadeiro encanto para a vista.

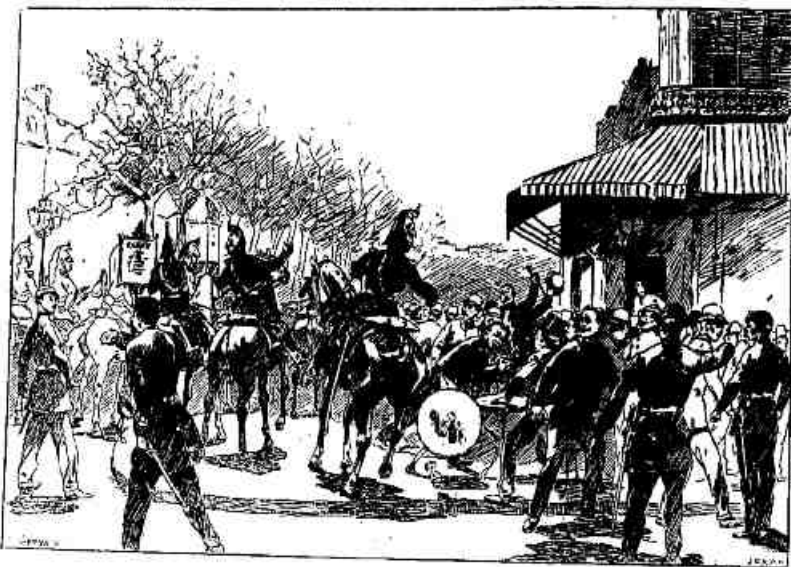
Descobri-lhes todas as novidades que descobri ultimamente no Longchamps e em Auteuil, seria impossível. Quasi desmembramento de cores, e que arte na escolha de todas as *manchas*. Do escuro ao claro, a gamma inteira decompõe-se em notas vibrantes ou doces; são modulações sem fim. Com tudo, ha cores dominantes que fixam, por assim dizer, o ton geral d'estas variações. Por exemplo: o heliotropo, o *mauve*, o azul do ardênia, parecem ser as cores favoritas.

Os chapéus, como já lhes disse, tem este anno as formas mais diversas desde a pequena *toque* (como se figura que se vê do pé, em cima da cadeira) até as chapéus extravagantes chamados *paracols* (girassóis). Mas estes modelos excentricos são usados pelas senhoras da alta sociedade, nos banhos do mar ou no campo. Na cidade, estas andanças de chapéus não são do bom gosto e do bom ton. Nas corridas as senhoras da sociedade põem na cabeça as capotas — ou sejam corças de flores collocadas sobre os cabellos em forma de aureolas, ou seja o fundo do chapéu de flores e as abas de renda ou de palha. As novidades são, além do miniquaques, flores de borragem, jacinthos, elemaites.

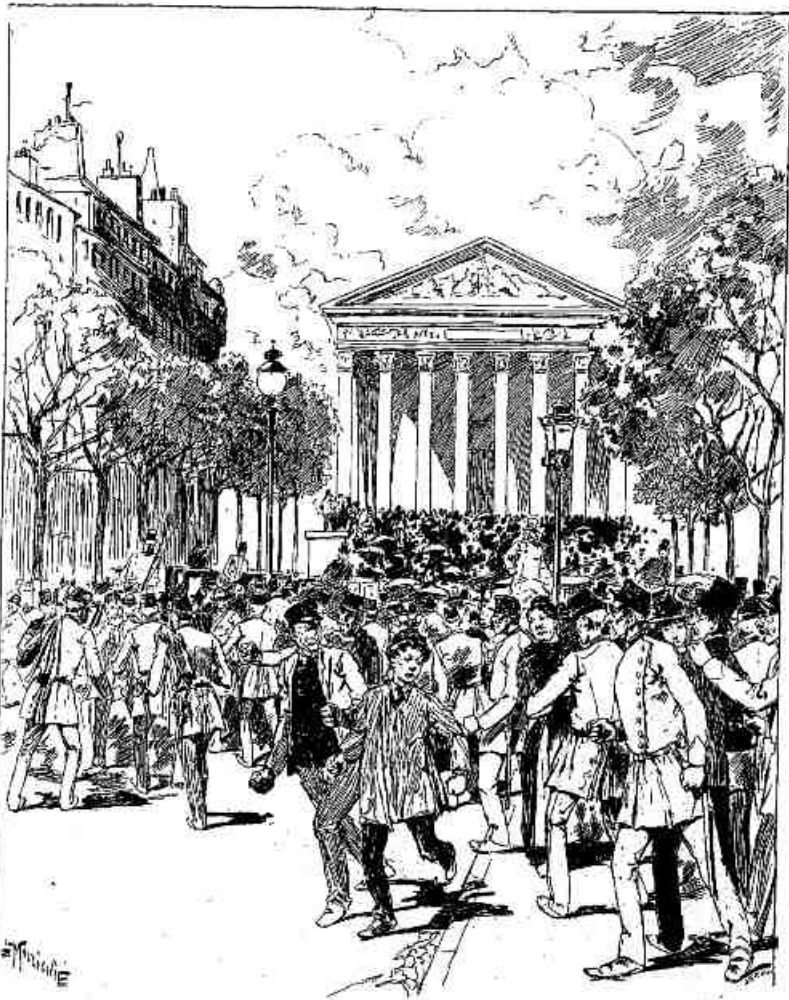
Continuam-se a ver sempre *jaquettes*. As ultimas modificações consistem na copia do *smoking-jacket* dos homens, com as mangas egues aos torcos das abas.

Os *nightdew* de tulle, rendas e virolhos ou passamantarias, estão ainda na moda e são muito graciosos.

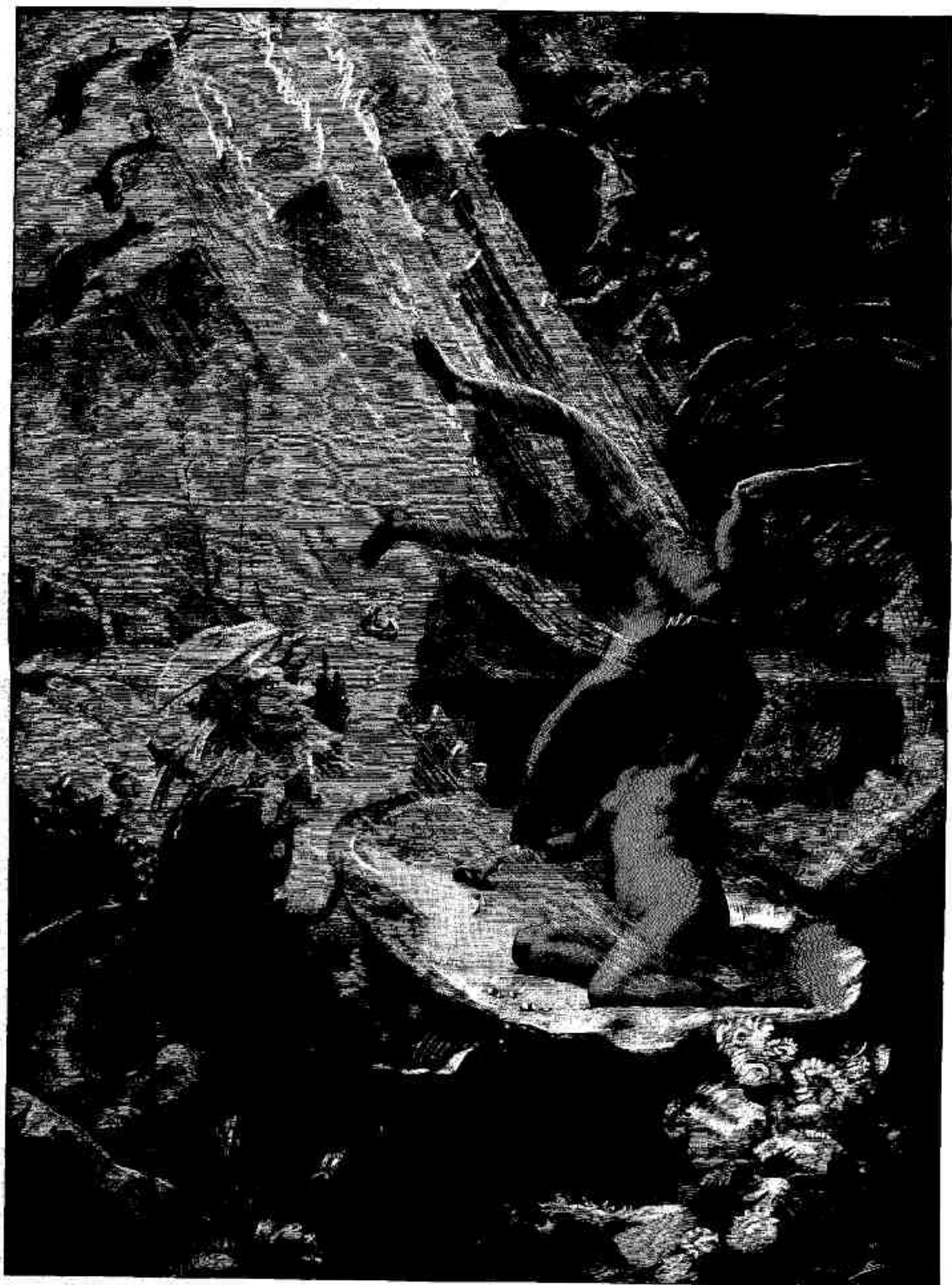
Os vestidos continuam sendo lisos, sem grandes variações, os corpos sempre justos o mais que for possível, e sem fecho aparente. As *toilettes* que não são tanto para



A GUERRA REPUBLICANA A CAVALLO DESOBERTEJANDO O BOULEVARD DA MADEIRA.
A TERRASSE DO GRAND-CAFÉ.



OS POLICIAS CIVIS FAZENDO EVACUAR A RUA ROYALE.



SALON DE PARIS DE 1890. — O NASCIMENTO DA PEROLA.

Quadro de Albert Maiguan. — Gravura de Ch. Baudé.

passeio, em damasco de seda com desenho Luiz XV, tem colóculos adoráveis. Junta-se a esta fazenda algumas rendas, e o conjunto será soberbo.

Os *fundards* de fundo preto com desenhos de cores ternas, alvão, verde-céu, amarelo desvaído, são muito lindas e d'um uso agradável. Haes fazendas, assim como as colieanes, bangalins, papelines, que supportam com vantagem as *prigias*, empregam-se com a chamada « *sau camponois* » (*jeu paysanne*) isto é, subido em apertados até ao corpo; este, inteiramente composto de *prigias* naturaes, piza na cintura.

Mas acima de qualquer descripção minha, tem as leitoras os encantadores desenhos do meu collaborador. Por ahí verán o que devem escolher, e a que lhes pode ficar mais a caracter.

O que lhes aconselho é que devem seguir a moda parisiense, que tende cada vez mais a uma extrema simplicidade de *toilettes*. É preciso que as senhoras portuguezas se oppoam ás idéas e ao gosto das modistas nacionaes, que só pensam em carregar as *toilettes* de fitas, rendas, voltadas, passamanarias e vidrilhos inúteis, e por vezes muito ridiculos. Exijam extrema simplicidade e elegancia nas *toilettes*, que é n'isto que consiste o segredo de bem vestir.

Até á próxima revista da moda parisiense, em junho de 1890.

MANIX DE CAMONS.

TSARINE POBRESSEZ RUSSO
Adaptado, traduzido, ilustrado
PARA A ILUSTRAÇÃO POR VIOLET
20, Boulevard des Filles, PARIS

POETAS DECADENTES

ASSIM estava escripto no livro do destino! Havia de ser... Havíamos de ter por força *poetas decadentes*, mesmo quando os *decadentes* em França já são um grupo cahido no esquecimento.

Também quando as modas já passaram e já acabaram em Paris, é que essas mesmas modas fazem a sua apparição em Lisboa, em plena Avenida. Assim é com tudo mais — com a *política*, com a *philosophia*, com a arte... com tudo!

Só ha uma coisa a fazer — é curvar a cabeça, e deixar passar a onda; seguindo com estas modas poeticas que não fazem mal a ninguém, a grande maxima do *buddhismo*: — Piedade e Resignação...

Esperamos por Deus e por Buddha, que o sr. Lopo Vaz nos não mande processar e metter na cadeia, por uma tão singela sympathia pelo *buddhismo*! Bem sabemos que o seu código penal de 1884 é inexoravel n'este assumpto — como todas as leis inexoraveis que ha no nosso paiz... Todos se lhes sentem em cima! Se assim não fosse, nunca ousaríamos chamar por Buddha para as nossas palestras litterarias...

Como amostra *decadentista* tivemos em primeiro lugar o *Gariotas* volume do sr. Eugenio de Castro.

Poucos dias depois recebemos um folheto do sr. Antonio de Oliveira-Soures, intitulado *Azul*, com diferentes poesias também *decadentes*. Do *decadentismo* do sr. Oliveira-Soures já os nossos leitores fizeram uma idéa pela sua poesia *Renascença* que publicámos no passado numero da *Illustração*. Para o *Azul* analysado em detalhe falta-nos hoje o espaço. Será para outra vez — com todo o interesse que o poeta Oliveira-Soures nos merece.

Em seguida recebemos do Porto um soneto *decadente* de Xavier de Carvalho, um dos introductores, senão o primeiro introductor e primeiro apostolo do *decadentismo* em Portugal. O seu a seu dono. Eis o soneto:

A NEVROSE DO GAZ

A FIALHO D'ALMEIDA.

Mas por fim no tom forte e aspero do Gaz
Encontro finalmente alivio ás minhas magoas;

A sua luz consola e é boa como as agoas
— Um mixto de setins, n'ro fúscos e lilaz...

Salpica nos *trottoirs* as *hystorines flammas*
E reflexos o olhar é loira *cocadette*.
Gaz! que lembrás a cor branca do espermacete
E' quem detilhas n'alma as venenosas gammas.

Luz lyrical, ó luz! eu caio de joelhos
Em frente aos teus clarões, santos como evangelhos
E dozes como o amor d'uns setos pequeninos.

E's tu que dás alento aos meus vícios fieis...
Tem piedade de mim, ó luz de tous crucis!
Não craves na minha alma os dentes assassinos.

Porto, 1890.

XAVIER DE CARVALHO.

E quando estavam a pensar nos *decadentes* portuguezes, e no seu palavriado exótico, eis que nos cae debaixo das mãos uma poesia do Deus *decadentista*, Paul Verlaine.

Coisa curiosa!... Ao reler a poesia de Verlaine que damos em seguida, não encontramos absolutamente nada que justifique o estylo do sr. Eugenio de Castro, e de outros *decadentes* portuguezes!

Ora leiam, e digam-nos se Verlaine se parece com os seus discipulos portuguezes:

PAUVRETE

Bon Pauvre, ton vêtement est léger
Comme une brume;
Oui, mais aussi, ton cœur, il est léger
Comme une plume,

Ton libre cœur qui n'a qu'à plaie à Dieu,
Ton cœur bien qu'ite
De toute dette humaine, en quelque lieu
Que l'homme habite!

Ta part de plaisir et d'aise paraît
Peu suffisante;
Ta conscience, en revanche, apparaît
Satisfaisante,

Ta conscience que précisément
Tes malheurs mêmes
Ont dégagés, en ce juste moment,
Des soins supérieurs!

Ton boire et ton manger sont, je le crains,
Teistes et mornes,
Seulement ton corps faible a dans ses reins,
Sans fin ni bornes.

Des forces d'abstinence et de refus
Très glorieuses
Et des ailes sans les cieux entrevus
Impérieuses!

Ta tête franche des mets et du vin,
Toute pensée,
Tout intellect conforme au plan divin,
Haut redressée,

Ta tête est prête à tout enseignement
De la Parole
Et de l'Exemple de Jésus clément
Et bénoite,

Et de Jésus terrible, prête au pleur
Qu'il fait qu'un versé,
A l'affront vil qui poigne, à la douleur
Lente qui perse.

Le monde pour toi, le monde affreux,
Deviens possible,
T'environnant, toi qu'il croit malheureux,
D'oubli paisible,

Même l'ayant d'étonnantes douceurs
Et ces caresses!
Les femmes qui sont parfois d'âpres sœurs,
D'âpres maîtresses,

Et de douloureux compagnons toujours
A tes côtés, toujours présents,
Te jettent mal fringant, aux gestes lourds,
Un pau grotesque,

Tout à fait incapable de n'aimer
Qu'à les voir belles,
Qu'à les trouver bonnes, et de n'aimer
Qu'elles en elles,

Et te pesant si léger que ce n'est
Rien de le dire,
Te dispenseroit, tous comptes au net,
De leur sourire,

Et te voilà libre à dîner, en roi,
Seul à ta table,
Sans nul flateur (quel fléau pour un roi
Plus détestable!)

L'assassin, l'escroc et l'humble voleur
Qui n'y voit guère
De nuance, l'épargne: comme leur
Plus jeune frère.

Des vertus surérogatoires, la
Prudence humaine,
L'autre, la cardinalité (ah! celle-là,
Que Dieu t'y mène!)

L'amabilité, l'affabilité
Quasi célestes,
Sans rien d'affecté, sans rien d'empeigné,
Pranches, modestes,

Nimbent ce destin que Dieu te voulut
Tendre et sévère
Dans l'intérêt surtout de ton salut
A bien paraître.

Et pour ange-contre le vil méchant
Toujours stupide
La Clairvoyance te guide en marchant,
Fine et rapide,

La Clairvoyance qui n'est pas du tout
La méfiance
Et qui plutôt serait, pour sommer tout,
La prévoyance,

Elicitent les gens de prime-saut
Sous les grimaces,
Faisant sortir la sottise du saut,
Trouvant les traces,

Et médusant la curiosité
De l'hypocrisie
Par un regard entre les yeux plantés
Qui brûle vite...

Et s'il ose rester des ennemis
A ta misère,
Pardonne-leur ainsi que l'a promis
Ton Notre Père.

Afin que Dieu te pardonne aussi, Lui,
Prends cette avance,
Car dans le mal fait au prochain, c'est lui
Seul qu'on offense.

(Anle national de Vincennes, août 1887.)

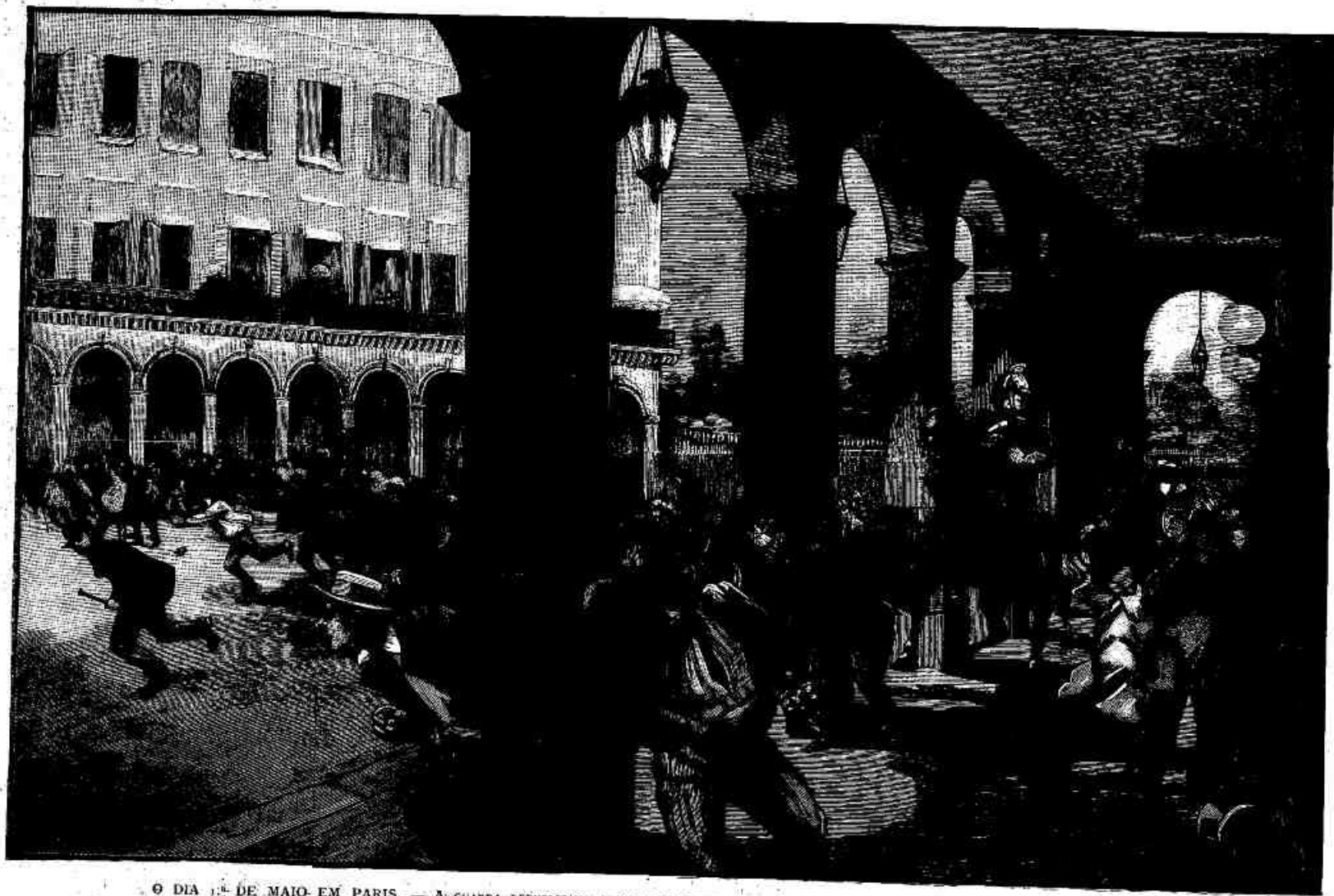
PAUL VERLAINE.

Ao mesmo tempo chegavam-nos ás mãos as *Novidades* de Lisboa, annunciando a apparição d'um volume *Yraristus*, d'um extraordinário poeta *decadente* Gustavo Cano. E as *Novidades* publicavam algumas joias inéditas do volume em preparação.

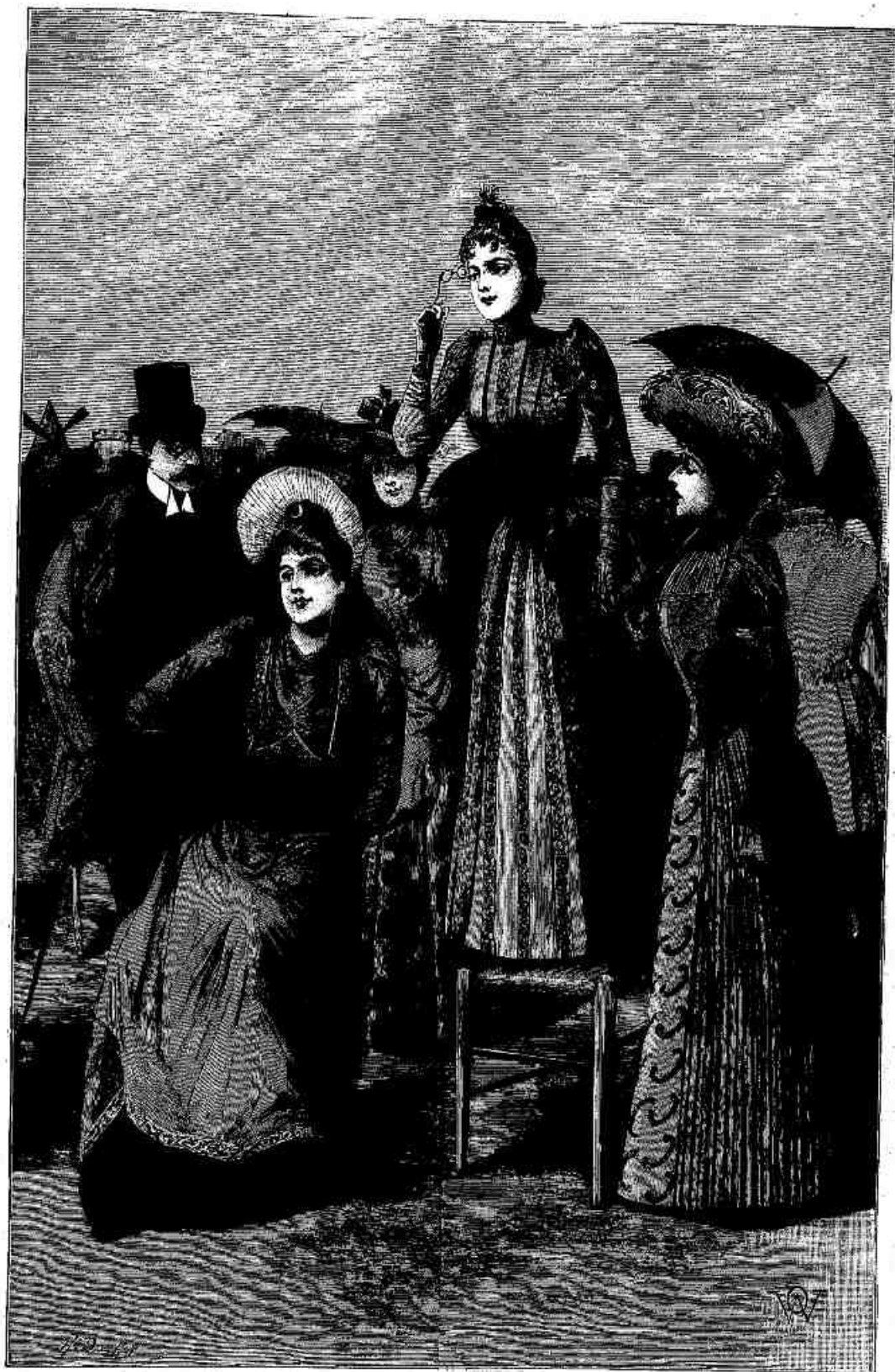
Erão deliciosas parodias e satyras aos *decadentes* a valor, e que não resistimos a tentação de offerecer também aos nossos leitores, pois que n'estas luctas quem tem sempre razão é Rabelais, quando nos diz que « é melhor rir do que chorar, porque o riso é proprio do homem ».

Mas quem será *Gustavo Cano*?... Não nos parece muito arriscado dizer que esse pseudonymalvez occulte o nome de Alberto Braga — por que redactor das *Novidades*, é poeta, e tem espirito para dar vender. Amigo Alberto, tire de lá essa mascaral...

Ahi vão as troças:



O DIA 1.º DE MAIO EM PARIS. — A GUARDA REPUBLICANA A CAVALLO FAZENDO EVACUAR A SUA CASTIGLIONI, Á ENTRADA DO Hôtel Continental.



A MODA PARISIENSE EM MAIO DE 1890. — TOILETTES PARA CORRILAS.

VEGA...

...Tout ton flu-flu et tous
tes trou-frous essorent l'écrin-
te encyclopédique.

A. VIANNA.

Vega! Desprende os teus cabelos brunos
Na lactescência alvissima do seio...
Seio capaz de emudecer os tunos;
Seio como um melão partido no meio.

Teu collo tem olências de begunia
lethaeas resinas, persicões incensuos;
alvo como as cambrinas da Saxonia
de que se fazem vaporesos lençóis.

Abre o teu LABIO, ó flor de belladonna,
teu LABIO lento, lúescente, lasso!
e a tua VOZ de triumphal Madona
deixa Esvair no flavescente espaço...

Teus CINCO DEDOS, eu a arder em zelos,
Vega da Lyra imperial, bi clara,
teus DEDOS alvos, que prazer comel-us,
com CINCO pasteis de Santa-Clara.

São como finos, filiformes fusos,
rubros como cinabricos medronhos,
e finam-se a flar fios confusos
na verde maçaroca dos meus sonhos!

N'esse teu PE cambrado e diminuto
faria contos o meu labio em bico,
contas de beijos que afinal degluto
Vega auroral, meu tragico amorico!

Estendo para ti MÃOS ASSASSINAS
como quem quer estrangular um astro...
mas dos teus OLHOS as lílacs MENINAS
incrustaram-se em mim, como um emplastro.

Como a freira no seu gazophylacé,
fallo contigo, vespéral e triste,
e as nuvens TOMAM um matiz violado,
e o céu lembra um pavão de CAUDA em riste.

E eu penso, ó minha Eleia, ó minha Amiga!
que a tua fina e GLACIDA epiderme,
é bem mais alva que a farinha triga
feita de grão que não ataca o VERME.

Nas tuas ferteis e onduladas ANCAS
litem mundos de amor... quero abraçá-las
com braços triumphaes, como retrancas,
e em phrenesis d'amor, exsial-as...

N'esta paixão VENEREAMENTE intensa
meu flavel coração é um prisioneiro,
fechado a CHAVE, n'uma cela immensa,
mais INQUISICIA que o Limocito...

Marco de Canavazas.

A's primeiras florescências do anno de 99.

BELLONARIA

Abre-se a clara manhã
Ao longe vem, rico de côres,
Rataplan, rataplan,
O batinhão de saia lóres...
Rataplan! rataplan!

Vistoso monstro! alegres notas,
Pela manhã,
Marcam, batendo, as fortes botas!
E rataplan...
Que grandes botas!
Rataplan, rataplan!

Seus aventaes de couro, brancos,
Coisa louça!...
Marcham garbosos
E rataplan!
Vão para as guerras de Tancos,
Rataplan, rataplan!

Passa o vistoso batinhão,
Passa a manhã...
O dia finda e o rataplan
Retorna então...

Voliam das guerras de Tancos,
A' Pahnava...
Vem todos mancos...
Mas rataplan!

Sorrui, 15 Floridor.

Vou contar a janella do meu quarto
Que tem dois vidros de diversa côr:
Um é azul — nem por um throno o parto —
Outro amarello, mas não é peor...

Vidros videntes vendem-se na venda
Do vidraceiro velho meu visinho:
Vidros vistosos na vivenda,
Vivenda vasta, côr de vinho.
Vidros videntes, vivam!
Vivam vida viril!
Videntes vidros que derivam
Em vastas veigas viridentes,
Vidros videntes
Vivam!

Quando encosto a cabeça no caisilho
E olho p'ra fóra, se é no vidro azul,
— Se passa um paé, julgo que é um filho,
Se sopra o norte, cuido que é o sul...

Vidros videntes vendem-se na venda
Do vidraceiro velho meu visinho:
Vidros vistosos na vivenda,
Vivenda vasta, côr de vinho...
Vidros videntes, vivam!
Vivam vida viril!
Videntes vidros que derivam
Em vastas veigas viridentes,
Vidros videntes
Vivam!

Mas se ao vidro amarello encosto a face
E cravo o olhar na veiga languesciente...
E' como se afinal eu não olhasse
Nenhuma coisa vejo pela frente!...
Vidros videntes vendem-se, etc...

GUSTAVO CANO

E as troças ainda não pararam aqui! Os versos de Gustavo Cano já nos trazem um Anonymo com a seguinte poesia:

DORES INTIMAS

(AO ESPIRITUOSO POETA DOS « VYANISTOS »)

Eu tenho ha muito tempo o coração de lucto,
Mais negro que um carvão e a ponta d'um charuto.
Ando triste a scismar na minha doce Amada,
Que tem um meigo olhar e a voz assucarada.
Quando A vejo passar se acaso lhe oigo a falla
Fico a bater no chão co'a ponta da bengala.
Hontem viu-me o arrijo, Oh celestial delicia!
Balsamico sorriso! Angelical caricia!
O cabelo cahido e terminado em bico
— Francamente — parcia a cauda d'um jerico.
O seu porte solenne, altivo e alambicado
Deixou-me d'essa vez um pouco apatetado,
E senti-me atarrabido irresistivelmente,
E quasi sem eu querer fui paulatinamente
Em seguimento d'ella. A minha Amada habita
Longe do mundo, e só, enfim, n'uma casta
D'uma apparencia alegre, e muito confortavel.
Pittoresco o logar — bonito e saudavel.
Chegámos e ao entrar suppoz que estava então
A' beira da cratera enorme d'um vulcão!

*

Voltei. Noite de julho. Estranhos pyrilampos
Punham pontos de luz na escuridão dos campos.
Ha que tempo isto fui! Que estranha commoção
Eu senti dentro em Mim ao apertar-lhe a Mão!
E nunca mais, Amor, eu estive a sós contigo
Um instante sequer! Eis porque aqui te digo
Que tenho ha muito tempo o coração de lucto,
Mais negro que um carvão e a ponta d'um charuto.

Coimbra.

A's ultimas batagens de agua do abril de 1890.

UM ANONYMO.

E aqui deixamos francas as columnas da
nossa revista, para defensores e adversarios do
decadentismo portuguez.

N. DA R.



PTYCHOTIS, Victoria, (Lactacao, etc.)
Quinta para muito conveniente para longo
AGUA e COLONIA REAL, (muito apreciada)
Perfume, Sabonete e Detergente para o Toilete
SABONETE DULCIFICADO
De servico inimitavel para a Pele

NO LAGO

(A Alberto Braga)

Que effeitos são os que sinto,
Serão effeitos de amor!
Dizias:

Uma historia pequena e bem singela
Phantasias de dois enamorados
Que em meigo e claro scintillar de estrella
Eu encontrei na sebe d'uns vallados.

Lobriguei de manhã, dentre o silvedo
Onde chilrava alegre um passarinho,
O mais gracioso e tímido segredo,
N'este suave e doce bilhetinho:

*

— « Hontem, filhinha, quando te assentaste
N'aquelle velho banco, ó fulva messe,
Remordicando a pequenina haste
D'um arbusto gentil que nos conheço,

Quando eu via, no lago palpitante,
As nuvens, pardacentas, como rolas,
(Porque eu tenho um pensar extravagante,
E umas originalidades... tolas)

Mal tu sabes no que eu pensava, linda,
Quando os patinhos iam fluctuando,
A' morna luz d'aquelle tarde infanda,
No argenteo espelho, que tremia arfando.

Vou confessar a extravagante idéa
Que eu embalei nas tuas loiras tranças,
Aos primeiros clarões da lua cheia,
Quando via brincar essas... creanças.

Mergulhavam na agua, de repente,
E, quando vinham lá as ondas cêrulas,
Saccudiam o liquido escorrente
Que deslisava em pequeninas perolas.

Depois corriam, caminhando unidos,
Infiando as azas, como quatro velas,
E eu... lá ia affagando os meus sentidos
Na curva ideal d'umas imagens bellas.

Mas quando os dois faziam piruetas,
Ficando um pé, e davam cabriolas,
Eu sentia uma ancia... umas venetas...
(Parece até que tinham dentro molas!)

la subindo em mim como que um flato,
Uma tontura extranha... um não sei quê...
Uma vontade enorme de ser pato!
(Sendo tu patá, filha, já se vê.)

Todo o meu corpo enchia-se de pennas,
Todo o meu coração era de brazas,
Eu, só contigo, nas manhãs serenas,
Cortando o lago, ia batendo as azas.

E eras tu só a minha companheira
N'este desejo meu tão insensato,
Que eu nem posso explicar d'outra maneira,
— Esta vontade enorme de ser pato!... —

*

Aqui, de pranto um perenal diluvio
Com largas manchas apagava a tinta
Que elle traçara em amoroso effluvio
N'uma serie de linhas quasi extincta.

Deixei de novo o tímido segredo;
Aquelle doce e meigo bilhetinho,
Na madresilva casta do silvedo
Onde chilrava alegre um passarinho.

E no dia seguinte, á mesma hora,
Na corôla da flor meio escondido,
Mal no seu carro despontava a aurora,
Vi este ancioso e dulcido gemido:

— « Ora é notável a coincidência,
E curioso isso que tu me dizes;
Quando fiquei n'aquella somnolência,
Contemplando os patinhos tão felizes,

Mal tu sabes no que eu pensava, lindo!
la seguindo a esteira luminosa
Que elles no manso lago iam seguindo,
Como se fosse aragem buliçosa.

Depois, cahi n'uma abstracção tão vaga,
Quando os vi a fazerem cabriolas!...
Ai, dulcíssima idéa que me afaga!
— (Será possível que tivesses molas!?)

Como esta idéa inda a sorrir me abraça!
Quando os vi, meu amor, darem beijinhos
Com ralmeiguice e com tamanha graça
Como fazem no ar os passarinhos,

Sendo tu pato, filho dos demonios!
Nem posso dar a minha idéa exacta...
Era uma ancia de pennas e de bicos...
— Uma vontade enorme de ser pata! —

Depois, sonhava coisas tão bonitas!
Por onde iria o pensamento meu!
O céo de Deus é de visões bemditas!
Ah, mas eu gosto mais d'aquelle céo!

E, se me encunta a flôr que se reclina
Na superfície liquida de prata,
Eu gosto ainda mais da pequenina
Que apparece de baixo... e se retrata.

Todo esse mundo vacillante e vago
Que ora se apaga, ora se vae criando,
Obedecendo as vibrações do lago,
Dá-me vontade de viver soando.

Aquelle céo todo arrendado em verde,
Misto de leite e meigo tão ceruleo...
Ai como est'alma em divagar se perde!
Meu doido amor, encanto meu, ó Julio!

Como era boa esta metamorphose!
Sendo tu pato, filho... [Oh! insensata!...]
Ai, mas que febre de metempsycose!
Ai, que vontade enorme de ser pata!... » —

Fechava assim, tão pezaroso e triste,
Esse grito de magoa e desalento
Que inda em minh'alma enramorada insiste
Esta pergunta que baloça o vento:

Se tu és Paolo, e tu mulher, Francesca,
Porque será que Deus não ouve e attende
Esta supplica doce e pittoresca
De duas almas que um soluço prende?

Deixei na sébe aquella arrulho ardente,
E murmurei: — Senhor! Dois passarinhos,
E um só desejo casto innocente!
Gostam da agua, e querem ser patinhos!...

LUIS OSORIO.

A PASTA DENTIFRICA DE BOTOT

VENEZUELA DE TONIN AS FRIEDERAS D'ARRE
B. DE H. DEPORTO EXCAL DE LA
UNICA VERDADEIRA AGUA DE BOTOT
PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS

A PRODUÇÃO DO MILHO

A produção media annual do milho elevou-se, em França, de 1876 a 1886, a sete milhões de quintaes (numero redondo); a superficie consagrada a esta cultura, que era, em 1885, de 560,008 hectares, tende a augmentar; atingia 571,475 hectares em 1888. O rendimento por hectolitro está em progressão sensivel: de 12^{ma}, 42 (ou 94,02) em 1843, foi successivamente subido a 14 hectolitros (1856-1863), 14^{ma}, 65 (1865-1876), 15^{ma}, 62 (1879-1887); em 1888, elevou-se a 17^{ma}, 27 (ou 124,52).

O preço medio do quintal de milho indigena, elevado nos mercados officiaes, foi, no ultimo periodo de vinte annos (1869-1888), de 19 fr. 92 o quintal metrico. Preço minimo, 16 fr. 73 em 1887; preço maximo, 20 fr. 93 em 1875.

As quantidades de milho estrangeiro dadas ao consumo (importação; — exportação, ainda que muito fraca, diminuida) foram as seguintes:

Quinze annos.	Valor em francos.
1880.....	4.799.437 63.352.568
1887.....	4.422.797 44.858.640
1888.....	3.670.803 40.688.140
1889.....	3.800.614 63.608.135

E' um consumo annual de milho estrangeiro de 4.037.412 quintaes metricos por anno, ou, em numero redondo, 4 milhões de quintaes. O preço medio do quintal é de cerca de 13 francos.

THEATROS DE PARIS

ESPECTACULOS DE MAIOR SUCCESSO

Grand-Opera. — *Ascanio*.
Français. — *Le Demi-Monde*.

Opéra Comique. — *Mirville*.
Odéon. — *La vie à deux*.
Gymnase. — *Paris fin de siècle*.
Vaudeville. — *Fou Toupinel*.
Variétés. — *La Grande Duchesse de Gernstein*.
Porte-Saint-Martin. — *Jeanne d'Arc*.
Palais-Royal. — *Roi Candante, Miettes de l'année*.
Châtel. — *Les Piliers du Diable*.
Gaité. — *Le voyage de Suzette*.
Ambigu. — *Le Roman d'une conspiration*.
Folies-Dramatiques. — *Rip-Rip*.
Renaissance. — *Le Lycée de jeunes filles*.
Nouveautés. — *Mémoires parisiens*.
Bouffes. — *Centrillonette*.
Cluny. — *Trois femmes pour un mari*.
Ménus-Plaisirs. — *Miscotte*.
Dejazet. — *Course aux Jupons*.
Château-d'Eau. — *Le crime de Jean Morel*.
L'HIPPODROME. — O mais interessante espectáculo parisiense em todo o verão.
L'HIPPODROME. — Representações todas as noites, o matinoes às 3^{as} feiras e domingos.
L'HIPPODROME. — O homem-gallo a grande novidade do anno de 1890.
Eden. — *Paris après l'exposition*.
Nouveau Cirque. — *Os leões*.
Folies-Bergères. — *Espectáculos varios*.
Cirque d'été. — *Esphera luminosa*.
Moulin-Rouge. — *Grandes Bailes*. — *Noites elegantes*: Quartas-feiras e sabbados.

PARIS

30, RUE MONTMARTRE, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opera, das principaes estações de estradas de ferro, dos boulevards e das casas commerciaes brasileiras e portuguezas. Este hotel é dirigido pelo proprietario a sua familia. É o mais concorrido e preferido pelas visitas brasileiras e portuguezas, em razão da modicidade de preços e das comodidades que offerece.

LAPIERRE.

SUSPENSORIOS MILLERET, elasticos e sem

postadeiras. Le Gonidec, 49, r. J.-J. Rousseau, Paris.

PARFUMERIA MEDICIS

Essencias, sabonetes, pós, etc. UGER, 6, Boulevard de Strasbourg, Paris.

FERRO QUEVENNE (Bolsa approvada pela Academia de Medicina de Paris).
Cura Anemia, Pobreza do Sangue, Perdas, Corça e Estomago. — O unico do genero.
Existe em cada frasco do Ferro Quevenne o selo da "UNION DES FARMACIENS", 16, r. Beauregard, Paris.

ESPARTILHOS
LÉOTY
adoptados pelo
high-life
parisiense.
8, P. de la Madeleine
PARIS.

OBSTRUÇÃO DO VENTRE
e enfermidades
que d'ella resultam.
CHAM-SE
com o uso de
FERRO
PÓ laxante de VICHY
DO DR. L. SOULIGOUX
Quem gosta
de relaxar-se com
a administração frequente
do Pó laxante de Vichy
PARIS, 4, Avenue Victoria e pharmanaz.

VERDADEIROS GRAOS
DE SAUDE DO DR. FRANK
Apertados, Intermittentes, Per-
tudos, Depressivos
Cura a Febre de Angústia,
Prisão de ventre, Escalofros,
Vertigens, Gagueira, etc.
Dose ordinaria: 1, 2 e 3 Graos
Nos casos graves a dose sobe.
Exige a CALIBRAGEM EXACTA
e o selo em A. CURTIS e o selo da
União dos Farmacêuticos
PARIS, 10, rue de Valenciennes

Em todos os Perfumistas e Cabelleiros
de França e do Estrangeiro
A VELOUTINE
Pó d'Arroz
especial
PREPARADO COM HIGIENISMO
Por CH^{re} FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

BELLEZA DO ROSTO
— SALT ANTÉPILAIQUE —
O LEITE ANTEPILICO
puro ou misturado com agua, dissipa
SARDAS, TIZ, CRESTADA
PINTAS-BRURNAS, BORBULHAS
ROSTO SARDALHEIRO
E FARIÑACEO
RUOGAS
Limpia e conserva a cutis lisa e clara.
Calendos e G^o

Alimento: Crianças
Para remediar a fraqueza das crianças, desnutrição
e a sua fome e a insensibilidade das doenças de idade
levar, os principaes Medicos de Paris, membros
da Academia de Medicina de Paris, recoheito com
optimo exito o verdadeiro
Bamboutou de Arabas e Delagrèrie, & Paris.
Este admirable Alimento, composto de substancias
vegetaes nutritivas e fortificantes, divide-se em 3 nu-
meros: 1^o, para as crianças proprias; 2^o, para as
mulheres e 3^o, para os doentes das crianças que ama-
mentam, e a dose, as formas e a natureza do medicamento.
32, rue d'Anvers, Paris. Depósito nas Pharmacias de S. Paulo.

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILE com
Dysenteria, diarrheas, gastralgias, etc. — **GRAOS** de BROMHYDRATO de QUININA BOILE
febre, enxaquecas. — GENEVOIX, 86, r. Beauregard, PARIS, e P^o.

